

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA AGB NO RIO GRANDE DO SUL

Raphael Copstein

Boletim Gaúcho de Geografia, 12: 36-48, maio, 1984.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37786/24374>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1984

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA AGB NO RIO GRANDE DO SUL

Raphael Copstein

Ao bosquejar-se o passado, no primeiro decênio da Associação dos Geógrafos Brasileiros no Rio Grande do Sul, verifica-se que es sa presença teve larga repercussão no desenvolvimento da ciência geográfica gaúcha. A sua influência permite, não por meras considerações cronológicas, distinguir dois períodos distintos. Um deles poderia chamar-se de pré-agebeano.

As grandes figuras da geografia que a partir dos fins do século passado, renovavam a ciência das relações humano-espaciais eram conhecidas, nos meios cultos da capital gaúcha, nas primeiras décadas dos anos noventa.

A monumental Antropogeografia de Ratzel, em edição italiana, estava a disposição dos leitores na biblioteca da Faculdade Livre de Direito. Provavelmente, pela influência do positivismo, os mestres franceses eram mais divulgados. A Biblioteca Pública dispunha de dois ou três exemplares da primeira edição da "La Géographie Humaine" de Jeans Brunhes. As presenças de Camille Vallaux e Lucien Febvre também podiam ser testemunhas: "La Mer", "Le Sol et l'Etat", ou "Géographie de l'Histoire" em co-autoria com Jean Brunhé, do primeiro e "La Terre et l'Evolution Humaine" do último, são obras que a decomposição de velhas bibliotecas, possivelmente jurídicas, espalhou pelos sebos porto-alegrenses.

Nos fins dos anos vinte, uma tentativa de interpretação sociológica do Rio Grande do Sul, de autoria de Salis Goulart, inicia-se com o nome de Vidal de la Blache. Lucien Febvre também comparece naquelas páginas.

Guerreiro Lima, o mais adotado dos autores didáticos do passado, obedecendo os ditames da programação oficial desenvolveu, em 1935, a Geografia Humana no compêndio da 3ª série ginasial. Fora do ensino, apareciam como entidades cultoras da Geografia, o Diretório Regional de Geografia, com preocupações mais administrativas e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, mais an tigo, porém, mais voltado para estudo histórico.

Em princípios dos anos quarenta surge no Rio Grande do Sul a Geografia no Ensino Superior. Criam-se os cursos de Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia (1942) e na então Univer-

sidade de Porto Alegre (1943). Os dois cursos mudam o panorama científico da Geografia, mas curiosamente, não despertam nenhuma iniciativa de conagração dos estudiosos à semelhança do ocorrido em São Paulo, após a fundação do Curso de Geografia e História da USP (1934).

Hoje, torna-se difícil saber se a Associação dos Geógrafos Brasileiros tentou alguma aproximação com o Sul. O encontro, há mais de um quarto de século, de estatutos da A.G.B em duas bibliotecas, leva a crer que houve tentativa de atrair gente do Rio Grande, para as Assembléias. Sem documentação que permita fixar o início da presença gaúcha inicial em ato agebeano, pode-se afirmar que nos anos cinqüenta, professores do ensino secundário compareceram às assembléias.

Em 1948, o C.N.G., extraoficialmente, estabeleceu contatos com professores dos cursos de Geografia e História de Porto Alegre, visando fundar entidade dedicada à Geografia.

Uma conclamação ao magistério e a demais interessados reuniu, no salão de atos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, um apreciável número de pessoas. Na oportunidade, o representante do Conselho, além de exprimir a satisfação pelo número de presentes, manifestou ser de interesse a defesa da tese da inconveniência da excessiva fragmentação das unidades municipais. Fundou-se uma sociedade geográfica, escolheu-se uma diretoria provisória e marcou-se, para um lugar mais amplo, a discussão do anteprojeto de estatutos a ser apresentado pelos recém-eleitos. Em sessão realizada em uma das salas da Aliança Francesa, aprovou-se aquele regulamento, e elegeu-se a diretoria definitiva. Com isto encerrou-se a sociedade.

Aos poucos aumentou o número de gaúchos freqüentadores das assembléias da A.G.B. Eles filiam-se provavelmente à seção regional de São Paulo.

A rigidez das disposições estatutárias, a dificuldade de comparecer às assembléias em virtude dos altos custos, em época que só se viajava de avião, devem ter pesado na não concretização de laços que, sem dúvida, teriam sido benéficos à geografia estadual.

A Assembléia da A.G.B. realizada em Santa Maria (1959) não trouxe maior contribuição ou influência. A participação gaúcha foi pequena no plenário e não muito maior nos trabalhos de campo. Os próprios anais daquela Assembléia demoraram a ser distribuídos no Estado.

Nos fins da década de cinqüenta, dois fatos assumem grande importância na história da geografia gaúcha. O primeiro é a fundação, pelos alunos do curso de Geografia da UFRGS, do Centro de Estudantes de Geografia. Esta entidade realizou um congresso nacional de estudantes e preparou lideranças que posteriormente, materializaram a criação do primeiro núcleo agebeano rio-grandense. O outro foi a contratação do Professor Aziz N. Ab'Saber, pela Universidade do Rio Grande do Sul, para lecionar, nos anos letivos de 1960 e 1961, nos cursos de Geografia e Geologia. A influência daquele professor foi bastante significativa em termos de renovação

geográfica universitária mas não se limitou ao âmbito acadêmico. Através de entendimentos com o arquiteto Jorge Neves, conseguiu introduzir na Secção de Estudos Econômicos e Pesquisas, então existente na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, uma equipe de professores e alunos do curso de Geografia. Os trabalhos produzidos destacam-se pelo pioneirismo e qualidade.

O Prof. Aziz também entabulou conversações para reunir os geógrafos locais em núcleo agebeano filiado a São Paulo. Esses esforços não foram coroados de êxito, mas o professor deixou boas sementes.

Antecedendo a criação do núcleo rio-grandense, surgiu uma entidade geográfica de vida efêmera, a Associação dos Geógrafos Profissionais (1967), destinada a congregar os geógrafos do quadro do poder executivo e autarquias estaduais.

Há pouco mais de um decênio, vários dos óbices que se interpunham à criação de um núcleo agebeano desapareceram. A Geografia gaúcha desenvolveu-se, o número de egressos dos cursos cresceu, aumentaram os contatos com colegas de outros estados assim como as participações nas assembléias e congressos. Mestres brasileiros e estrangeiros ministraram cursos em Porto Alegre e professores locais buscaram aperfeiçoamento no exterior. Cresceu a solicitação da Geografia nos órgãos públicos com conseqüente criação de cargos de geógrafo. Essa efervescência exigiu uma organização que colocasse os geógrafos e professores em contato com os colegas de outros centros, reunidos na Associação dos Geógrafos Brasileiros, em núcleos e secções regionais em vários estados. A hora de Porto Alegre dispôs por um núcleo agebeano chegara.

A mais séria dificuldade a ser enfrentada pelos geógrafos gaúchos foi a exigência de um determinado número de sócios efetivos da A.G.B.. A reforma estatutária de 1972, criando a categoria de sócios titulares favoreceu as pretensões locais.

Atendendo as razões surgidas em uma conjuntura favorável, reuniram-se os interessados em ver materializada a aspiração comum.

Na cinzena tarde do sábado, 19 de agosto de 1972, a sala número 11 do Instituto de Geociências da UFRGS abrigou uma trintena de pessoas dispostas a tomar as providências iniciais para concretizar a fundação de um núcleo agebeano porto-alegrense. A reunião parecia encerrar algo sentimental. Aquela sala-de-aula compunham geógrafos que não há muito frequentavam como estudantes. Confraternizavam-se liberal e carinhosamente, professores, alunos e ex-alunos. Iniciados os trabalhos, somente um pequeno incidente desentou do ambiente cordial dominante. Informalmente iniciaram-se os debates sobre o fim em vista. Quando parecia acordado a sua consecução, uma personagem desconhecida da maioria absoluta e, provavelmente pertencente a alguma escola geográfica pré-humboldtiana, levantou um protesto justificado na ausência de lideranças não declaradas. Não se soube e ninguém se interessou em indagar a mando de quem e por que a dita figura quis atirar pedras no caminho deste seja comum. Rejeitada a descabida objeção, os presentes escolheram uma comissão diretora provisória com muita felicidade. A coordenação coube a Casimiro Medeiros Jacobs que se caracteriza pela perti

nância, paciência e diplomacia diante do objetivo a ser alcançado. A secretaria tocou ao caráter criador de Gervásio Rodrigo Neves. A proverbial organização de Gisela Copstein ficou a responsabilidade da tesouraria. Segundo testemunhos, animava o trio um imenso entusiasmo pela tarefa - dar a classe, em menor tempo possível, um núcleo porto-alegrense de sua entidade.

Rapidamente iniciaram-se as atividades. A Comissão estabeleceu contatos em busca de informações necessárias e não demorou em reunir a documentação exigida para a fundação do núcleo. Em fins de outubro, o secretário da Seção Regional de São Paulo, por ofício, acusava a chegada dos papéis e os encaminhava ao presidente. No mês seguinte, Porto Alegre recebeu a visita da presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Professora Lizia Bernardes, que segundo registrou a imprensa, trazia o seu incentivo à pretensão dos geógrafos locais.

Um ano, porém, escoou-se até que as exigências burocráticas fossem satisfeitas. Em abril de 1973, o Coordenador solicitou, em correspondência à Direção da Seção Regional Paulista, a participação oficial do ato aprovando a iniciativa rio-grandense. Encareceu ainda, a remessa de "documentos, formulários, diretrizes etc. que nos sirvam de apoio seguro para a instalação do núcleo (...)"

O pedido de "comunicação oficial" revela, fora de qualquer dúvida, o conhecimento de decisão favorável ao solicitado. Em meados de julho chegou a almejada resposta. Um ofício manuscrito, em papel comum, trazido por um chasque não identificado, assim se inicia: "Através deste estamos esclarecendo de vez a situação de criação do núcleo de Porto Alegre". O que houve para um esclarecimento "de vez" não foi possível apurar. O dito ofício, entretanto revela que no Conselho Diretor Nacional reunido no Rio de Janeiro, em 12 de julho "passou a ser explicitada (sic) em ata que o referido núcleo, cuja criação fora aprovada em reunião anterior datada do final do ano 72, pertencerá a Seção Regional de São Paulo". Registra ainda a "existência concreta" do núcleo e exige instalação e eleição da primeira diretoria. Como representante na Regional de São Paulo para os dois atos fora credenciado o agebeano Casimiro Medeiros Jacobs que deverá comunicar o cumprimento dos atos".

Grande foi a repercussão obtida pelo conhecimento do ato da Comissão Diretora Nacional. A Coordenação local acelerando as medidas pertinentes, remeteu a São Paulo cópia do regulamento do núcleo porto-alegrense e a correspondência que o acompanha informada: "as atividades estão canalizadas, no momento, para a criação da infra-estrutura do núcleo" e acrescenta que com a maior brevidade providenciará a instalação e eleição. Finalmente, solicita a lista dos sócios efetivos residentes no Rio Grande do Sul, pedido satisfeito uma quinzena depois.

A 19 de novembro de 1973, na mesma sala do Instituto de Geociências, que no ano anterior havia abrigado a reunião preparatória, era instalado o núcleo local da Associação dos Geógrafos Brasileiros, pelo representante da Seção Regional de São Paulo, Prof. Casimiro Medeiros Jacobs, perante os sócios efetivos gaúchos. Procedida a eleição, as urnas consagraram, por unanimidade, a única chapa inscrita cuja Diretoria executiva ficou assim constituída:Ca

simiro Medeiros Jacobs, diretor, secretários, Gilberto Lazare da Rocha e Olga Maria Schild Becker, tesoureira, Gisela Copstein. Empossada em seguida, a diretoria reuniu-se pela primeira vez para fixar o valor da anuidade, planejar um curso sobre Metodologia e Didática da Geografia e o lançamento de publicação periódica intitulada Boletim Gaúcho de Geografia.

O curso inaugural das atividades culturais do núcleo porto-alegrense realizou-se em dezembro, com a duração de 40 horas, tendo sido ministrado pela Professora Lúvia Oliveira de Rio Claro.

Antes do término do ano, uma das maiores preocupações da novel agremiação - localização da sede - foi resolvida. O Departamento de Geografia da UFRGS, atendendo as gestões feitas pela Diretoria, concordou em ceder-lhe, por empréstimo, o uso de suas dependências.

O biênio iniciado sob tão bons auspícios, foi rico em iniciativas e realizações.

Pretendendo levar numerosa representação ao III Congresso Nacional de Geógrafos, marcado para Belém, os diretores iniciaram trâmites para favorecer a participação dos associados. No terreno do transporte, vários apelos foram dirigidos às autoridades federais no sentido de facilitar o deslocamento de associados. Nos planos estadual e municipal foi obtida a dispensa do ponto a professores e geógrafos que participassem do evento. Uma extensa movimentação foi realizada junto a órgãos empregadores, objetivando a comparência de geógrafos ao Congresso. Apesar das dificuldades que a distância antepunha, 12 geógrafos, o maior contingente gaúcho até então, fez-se presente em Belém.

A regulamentação da profissão foi uma aspiração constante entre as atividades empreendidas. Quando necessário, foram redigidos manifestos e passados telegramas às autoridades competentes. Os associados foram mantidos informados do que ocorria nas esferas onde era discutido o estatuto do geógrafo, através de freqüentes notas publicadas na imprensa.

A Semana da Geografia de 1974 marcou o início do trabalho em cooperação com outras entidades. Coube ao Núcleo, com o patrocínio do Departamento de Geografia da UFRGS, e da Unidade da Geografia da Secretaria da Agricultura, organizar e coordenar um curso ministrado por técnicos de diversas áreas. Com "Análise de Sistemas e Geografia" desenvolvidas em 40 horas/aula foi comemorada a Semana.

A preocupação com o aperfeiçoamento de geógrafos e professores de geografia levou a realização de uma série de cursos, todos com a duração mínima exigida pelas disposições legais do Estado para serem valorizados em concursos.

O Prof. Gilberto Lazare Rocha ministrou "Leitura e Interpretação de Cartas" visando especialmente os professores do Segundo Grau. "Quantificação em Geografia Humana", por Antônio Olívio Ceron, de Rio Claro, foi o primeiro curso da escola teocrática lecionada em Porto Alegre. A ele afluíram não só professores da Capital,

merece destaque especial a presença de docentes de vários cursos universitários do interior do Estado. A importância da Geografia no Planejamento Urbano destacou a "prata da casa", Gervásio Rodrigo Neves, geógrafo, e Luiz Miranda, arquiteto, apresentaram aos profissionais preocupados com o espaço, "Pesquisa Geográfica e o Planejamento Urbano". O Curso ressaltou a necessidade e a importância da Geografia no planejamento e salientou o propósito de buscar-se uma metodologia nacional aplicável às peculiaridades brasileiras. Na área de divulgação de instrumentos de trabalho, foi oferecido "Introdução à Estatística Pert/CPM" sob a responsabilidade de Luiz Antônio Nejar da UNISINOS.

O Boletim Gaúcho publicou, no período, vários números distribuídos entre os associados. Estes tiveram, ainda facilitada a aquisição de diversas revistas profissionais.

Um destaque especial merece o crescimento do número de sócios. De cerca de 25, quando da instalação, ultrapassou a centena em fins de 1975.

A rica e variada atividade do núcleo de Porto Alegre credenciou os dirigentes a pleitear a sua transformação em Seção Regional. A aspiração foi ventilada, pela primeira vez, em maio de 1975, pelo Diretor-Executivo, na 2ª reunião do Conselho Diretor da AGB, em Belo Horizonte. Na reunião seguinte, em São Paulo, a Comissão Especial indicada para dar parecer a pretensão, alegou falta de documentação necessária ao deferimento. Como o impedimento fosse facilmente sanável, a Direção do núcleo acordou em propor aos sócios a transferência das eleições que escolheriam a nova diretoria, para data posterior à troca de categoria da entidade local.

O pretendido demorou mais do que se esperava. Em meados do ano seguinte, o diretor executivo enviava ofício estranhando as alterações sugeridas ao ante-projeto de regulamento da futura seccional "por não ver diferenças entre o sugerido e o que enviara." Apesar, ainda, para a aprovação urgente do regulamento em foco. Desta vez a resposta veio rápida. Em 22 de junho, através de ofício assinado pela secretária da Comissão Diretora, Yara Marinho da Costa, os gaúchos tomavam conhecimento da transformação pretendida. Eram também informados que o Presidente da A. G. B. viria instalar a nova Seccional. A correspondência finalizava assim: "Na oportunidade, queremos nos congratular com Vossa Senhoria pelo profícuo trabalho que levou a transformar o núcleo local em Seccional Regional, e, solicitamos tornar extensivo os Nossos votos aos geógrafos gaúchos, desejando uma Associação plena de realizações."

O estabelecimento da Seccional Regional exigiu a tomada de várias medidas. Pela imprensa foi anunciada a data da eleição, 28 de junho, e a abertura do registro de chapas. Para comemorar a importância do evento, foram inseridas a instalação da Seccional Regional e posse da nova diretoria no programa que o núcleo, juntamente com o Departamento de Geografia da UFRGS e a Divisão de Geografia da Secretaria de Agricultura festejaram a semana da Geografia.

Concorreu apenas uma chapa. Os eleitos, Casimiro Medeiros Jacobs, Diretor-executivo, Gervásio Rodrigo Neves, vice-diretor-executivo, Lia Luz Livi, secretária e Gisela Copstein, tesoureira, to

maram posse em sessão solene presidida pelo Professor David Márcio, Diretor Executivo da Associação dos Geógrafos Brasileiros, no primeiro dia de julho de 1976. Esta diretoria conduziu a Secção Regional do Rio Grande do Sul, durante dois biênios, pois, foi reconduzida ao término do primeiro mandato.

O quadriênio pautou o comportamento pelos parâmetros anteriormente traçadas mas as atividades extravazaram os limites do passado

Como sempre, as reuniões de interesse geográfico administrativo da A.G.B. contaram com a presença efetiva de representação da diretoria da entidade.

O setor cultural, entretanto, constituiu-se no ponto alto das preocupações. As iniciativas tendo em vista os interesses da comunidade geográfica não deixaram, porém, de beneficiar outras áreas profissionais.

A abertura de concurso para provimento de professores do quadro estadual ensejou o curso de "Atualidades Pedagógicas" frequentado por inscritos de todas as especialidades em concurso.

"Princípios de Investigação Científica" ministrado por professores do Curso de Filosofia da UFRGS, foi a oportunidade de propiciar aqueles conhecimentos a vários setores profissionais que o necessitavam e não o dispunham em seus currículos.

Juntamente com o Departamento de Geografia da UFRGS, patrocinou o primeiro curso sobre utilização de Imagens de Satélites Multiespectrais, em Porto Alegre. Vieram do Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (INPE), para ministrá-lo, as geógrafas Celina Foresti e Magdalena Niero.

Antônio Cristofoleti, professor em Rio Claro, lecionou "Análise Fluvial e de Vertentes e Geomorfologia".

Respondendo a várias solicitações foi organizado, sob a responsabilidade do Prof. Curt Henrique Sommer, o curso de "Fundamentos de Ecologia".

Um destaque especial merece ser feito ao curso de "Análise Espacial para o Planejamento Urbano", tanto pela atualidade como por ter oferecido ao público novos conferencistas saídos dentre os jovens geógrafos gaúchos que exerciam sua competência em órgãos estatais.

A Semana da Geografia de 1980, encerrou as atividades culturais da Diretoria. O programa abordou assunto de grande destaque naquele momento. As conferências foram enfeitadas sob o título "Novas Alternativas Tecnológicas e Relações com o Ambiente."

A Secção Gaúcha da A.G.B. mercê do desempenho apresentado desde sua instalação, passou a ser solicitada por órgãos públicos. Indicou, a pedido, representante na comissão organizada na Secretaria da Agricultura, pela Unidade de Cartografia da CEMAPA, para definir geograficamente, o Guaíba. Na Secretaria de Administração te-

ve representantes quando da análise do Plano de Reclassificação de Funcionários, no que se referiu aos interesses dos geógrafos. Com a Secretaria de Educação, o intercâmbio mostrou-se mais significativo. Foi dado parecer sobre "Diretrizes Curriculares da Área de Estudos Sociais - Componente Geográfico" e firmado convênio mediante o qual, em troca de serviços técnicos, a secretaria cedeu a Secção Regional, dois professores de Geografia.

O Boletim Gaúcho de Geografia apareceu suportando as dificuldades que caracterizam este tipo de publicação. Ao encerrar-se o mandato da diretoria, em 1980, estava em circulação o número 8.

Os sócios, naquela data, segundo relatório atingiu ao expressivo número de 340, nem todos, gozando de plenos direitos.

Em consequência da decisão da Assembléia da A.G.B., realizada em Fortaleza, determinando a reforma estatutária efetuada, posteriormente, em São Paulo, os agebeanos regionais reformularam os respectivos regulamentos.

Por força das novas disposições a Secção Regional do Rio Grande do Sul deu lugar a Secção de Porto Alegre da A.G.B.

Dentro das novas normas realizaram-se as eleições que deveriam indicar os substitutos dos dirigentes em fim de mandato.

Nenhum dos membros da gestão que se encerra, concorreu. Novo grupo, sob o comando da geógrafa Carmem Franco, após a apuração das urnas, assumiu a Secção de Porto Alegre.

Foram os seguintes os eleitos: (1)

Gestão 80/82

Carmem Franco
Zeferino M. da Cunha
Anelisa Damiani
Marlene D'Ávila
Marcinho S. Medeiros
Nely Blauth
Terezinha Z. Neves
Líbia Gorrelik
Mariza Chaim
José Celso Silveira
Álvaro Heidrich

Gestão 82/84

Carmem Franco
Zeferino M. da Cunha
Anelisa Damiani
Marlene D'Ávila
José Torres Ronna
Jaime Bruxel
Terezinha Z. Neves
Rosane O. Consenza
Rosita Fernandes
José Celso Silveira
Volmerio S. Coelho

(1) Por motivos particulares houve algumas modificações nas diretorias as seguintes pessoas: Igor Moreira, Ademir B. Chiappetti e Antônio C. Castrogiovani.

A total renovação da direção seccional não provocou, como é comum em substituições semelhantes, uma ruptura com o passado. O caminho palmilhado mostra a seqüência sem qualquer salto brusco mas é profundamente marcado pela maneira de ser da novel equipe. A simples leitura da farta documentação dos três últimos anos, atesta a afirmação.

Um número apreciável de membros foi reeleito, sob a mesma liderança, após o término do primeiro mandato, como se pode constatar no quadro anterior. Portanto, nada obsta uma apreciação em conjunto, das diretorias condutoras da entidade geográfica no último triênio.

As duas gestões agebeanas do decênio ao serem cotejadas apresentam em comum e com igual intensidade, o entusiasmo pelos fins da entidade, largo espírito de iniciativa e um rol de realizações que causam admiração ao "comandado" que silenciosamente acompanhou o dia-a-dia da entidade e agora se propõe a anunciar-lhe os feitos. Terminam aí as comparações? Sim, porque cada uma delas, revela individualidade.

A responsabilidade da nova liderança ao assumir, era muito maior do que poderia parecer a primeira vista. Herdeira de instituição vitoriosa em todos os empreendimentos executados, defrontou-se de saída com delicado problema.

O primeiro ofício recebido não trouxe apenas os cumprimentos formais pela posse. Anexo veio o pedido do Chefe do Departamento de Geografia da UFRGS para desocupar o local onde se instalara secção porto-alegrense, desde os primeiros dias. Portanto, a tarefa inicial era totalmente inesperada - mudar-se. Parodiando Pinheiro Machado, pode-se dizer que a mudança não deveria ser tão rápida que parecesse ofensa inexistente e nem tão demorada que propiciasse outro ofício de igual teor. O Instituto dos Arquitetos do Brasil, secção do Rio Grande do Sul, com a melhor boa vontade abrigou a A.G.B. até que foi possível instalá-la onde hoje se encontra.

O período recém aberto foi marcado pelos debates no Congresso Nacional sobre a regulamentação profissional. Era preciso estar atento às discussões e informar, a miude, os associados. Quando, finalmente, os geógrafos viram sua lei magna publicada no Diário Oficial surgiu um problema de interpretação nos órgãos regionais a que se deveriam filiar os geógrafos. O CREA do Rio Grande do Sul, ao ter que manifestar-se sobre o registro profissional, solicitou a colaboração da seccional. Ambas entidades estabeleceram, rapidamente, critérios que possibilitaram a A.G.B. porto-alegrense ser a primeira do país a ter filiados registrados como profissionais.

A entrada de geógrafos para os quadros do CREA marca o início de relações que se vem aprofundando em virtude de interesses comuns e de intensa colaboração. Um representante agebeano integra o CREA com participação na Câmara de Engenharia Civil e nas Plenárias da Entidade.

Na 39ª Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (1982), a entidade esteve presente.

Reconhecida profissão de geógrafo, tem cabido à A.G.B. local, na ausência de organismo específico, a responsabilidade de representar, debater e defender os interesses de classe. Para que seus delegados estivessem bem preparados a abordar importantíssima aspiração foram organizados debates preliminares que permitiram coletar subsídios necessários ao estabelecimento de remuneração condigna. Posteriormente, em reuniões com colegas das áreas de geologia e meteorologia discutiu-se o quantum do salário mínimo profissional.

Em época de crise nacional, como a presente, onde o sacrifício dos profissionais liberais tem sido maior de que seria de esperar, a secção porto-alegrense mantém-se vigilante na defesa dos privilégios profissionais por vezes ameaçados. Visando aquela defesa foram realizadas reuniões para discutir as atribuições dos geógrafos (1983).

Sem maiores preocupações com rigorismos cronológicos, procurar-se-á apreciar os desempenhos culturais e educacionais da entidade, sem deixar de mencionar, outros aspectos de relevância da administração em foco.

Na riqueza das realizações culturais distinguem-se, ao lado dos já tradicionais cursos, palestras e conferências de geógrafos ou especialistas em ramos correlatos que tem visitado a capital.

Temendo a omissão de algum, por descuido involuntário eis os conferencistas do período apreciado:

O Prof. Ruy Moreira dissertou sobre "História e Natureza: repensando os termos do discurso geográfico" (1981 e dois anos mais tarde voltou com o tema "Geografia, Economia Mundial e a Crise Atual").

O Pré-Reitor de Extensão da UFRGS, antigo professor de Biogeografia, Ludwig Burkup, cuja colaboração com o 5º Encontro foi decisiva, abordou "Geografia e Meio Ambiente" (1981).

Velho agebeano de espírito sempre jovem, o Prof. Manuel Correia de Andrade apresentou-se com Evolução da Ciência Geográfica (1982).

O interior gaúcho compareceu com o promissor geógrafo Aldomar Ruckert, da FIDENE, para trazer um apanhado de seus estudos apresentados sob o título de "Cidades Coloniais do Norte do Rio Grande do Sul" (1980).

O presidente do CREA Arquiteto José Albano Volkmer focou "Projeto de Desenvolvimento do Solo Urbano" e Paulo Müller "Banhados no Rio Grande do Sul uma questão ambiental".

O uso de pesticidas pelos pequenos agricultores na região de Lageado (1983) esclareceu a platéia sobre as conveniências e inconveniências da prática, através do relato do ecólogo norte-americano Richard Peritt e "Astronomia" foi tema do secretário da Sociedade de Astronômica Rio-Grandense, Roberto André dos Santos.

A Antártida foi assunto de um ciclo de palestras levadas a efeito pelos Professores Henrique Ferstenseifer e Marco Antônio Hansen e acadêmicos Fábio Troian e Aimara Lin (1983).

Os cursos continuaram despertando entusiasmo e atraindo associados. Dirigidos para o interesse profissional ou para atender o magistério, todos foram geográficos ou de alto interesse para a Geografia. A abordagem de novos temas científicos foi constante.

A geógrafa Maria Adélia de Souza, portadora de valioso currículo na área de planejamento, coube palestra do qual foi co-participante a secção local do I.A.B. com o título de "Geografia e Planejamento" (1980) apresentou, sob um ponto de vista severa e honestamente crítico, o que no terreno do planejamento fora feito no país, até então.

O magistério teve à disposição um curso de 40 horas sobre a "Geografia do Rio Grande do Sul" ministrado nas salas do Instituto de Geociências da U.F.R.G.S. (1980) por professores desta Universidade. Também foi-lhes dedicado (1983) "O que o Professor de Geografia deve saber de História" ministrado pela Professora Liane Schultz.

Destaque especial merece o painel que contou com a colaboração de técnicos de diversas áreas e apresentado sob o título de "Organização do Espaço e Meio Ambiente" (1983).

A Semana da Geografia continuou merecendo a atenção da secção porto-alegrense. Em 1981, juntamente com o Departamento de Geografia da P.U.C., apresentou-se o tema - "Energia, Crise ou ...". No ano seguinte, em virtude da realização do 5º Encontro Nacional de Geógrafos, nesta capital, não houve programa cultural mas para não interromper a tradição realizou-se um jantar comemorativo do evento. Já no ano corrente, "Metodologia em Geografia, Pesquisa e Ensino" foi o título que enfeixou os trabalhos expostos por vários profissionais.

O 5º Encontro Nacional de Geógrafos ocorrido entre 17 e 23 de junho de 1982, em Porto Alegre, organizado pela secção local com o patrocínio da Pró-Reitoria de Extensão U.F.R.G.S. foi o maior acontecimento geográfico já realizado na cidade. O sucesso do 5º Encontro seja em organização, qualidade de trabalho, entusiasmo nos debates, estatura de conferencistas tem tantas testemunhas que este bosquejo se permite apenas lembrá-lo e registrar a maciça afluência de geógrafos de todo o país às dependências da Escola de Engenharia da UFRGS.

A preocupação com o ensino da geografia nos três níveis em que se estratifica a educação nacional foi uma tônica nas atividades do último triênio, seja através de iniciativas ou de participação com outras entidades educacionais.

Referência destacada merecem os encontros regionais de professores universitários de Geografia realizados junto com universidades interioranas. Iniciados com a de Caxias do Sul onde foi promovido o 1º Seminário de Pesquisa Geográfica nas Universidades, o 2º Encontro teve lugar nas dependências da Universidade de Santa Maria que foi copatrocinadora. Conjuntamente, com a FIDENE, reali-

zou o 3º Encontro em Ijuí, onde ambas entidades também acolheram o 2º Encontro de Professores de Geografia de 1º e 2º Graus. O último dos Encontros, realizado em Passo Fundo, teve a participação da universidade local.

Iniciativa de alto interesse foi a elaboração das propostas para o currículo de Geografia nas Universidades. Posteriormente este trabalho foi submetido à consideração de representantes da Secretaria de Educação do Estado, da Universidade de Santa Maria e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1981).

A convite do MEC, a seccional participou das reuniões promovidas pelo SESU, respectivamente em Brasília, onde foi avaliada a situação da Geografia nacional (1981) e em Belo Horizonte (1983) no Simpósio "Teoria e Ensino de Geografia".

Juntamente com entidades congêneres (Associação dos Sociólogos, Associação Nacional de Professores Universitários de História) posição contra o "Projeto Natanael" que objetivava a criação de Licenciatura Plena em Estudos Sociais e o término das Licenciaturas em História e Geografia.

A participação em empreendimentos culturais, profissionais ou em manifestações, juntamente com entidades coirmãs cresceu no último triênio. O mesmo pode-se dizer da tomada de posição diante de problemas de amplo interesse da coletividade.

A seccional compareceu aos debates sobre o "Manejo do Solo e Desertificação no Rio Grande do Sul" patrocinado pelo Legislativo estadual; sobre o destino dos efluentes do II Pólo Petroquímico tema de grande repercussão na opinião pública gaúcha; no Projeto Rio Guaíba patrocinado pelo Sindicato dos Engenheiros.

Foi participante dos seminários promovidos pelo Conselho de Desenvolvimento do Estado sobre "Parcelamento do uso do Solo" (1980) da "Produção do Espaço" pelo PROPUR, "Agricultura - desafio da atualidade", organizado pela Associação Democrática Feminina Gaúcha; sobre o "Plano de Desenvolvimento Regional Integrado" iniciativa da Fundação Alto Taquari de Educação Rural e Cooperativismo e Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, em Encantado.

Tomou parte em reuniões como a de Entidades Ecológicas, na Comissão de Direitos Humanos e na de Assuntos Municipais, ambas na Assembleia Legislativa (1983). Representou-se na "Semana Regional de Geografia" promoção da Universidade de Caxias do Sul (1983).

Apoiou, publicamente, a "Semana de Democratização do Ensino", iniciativa do CEPERS, e o IAB, quando da campanha de preservação da usina do Gasômetro, além da greve dos docentes organizada pela ADURGS e a aprovação da Lei dos Agrotóxicos.

No campo administrativo, compareceu a todas as reuniões de "Gesão Coletiva", nova denominação para o encontro dos componentes da antiga Comissão Diretora Nacional. Por sua conta ficou a 3ª GC.

No plano editorial, o Boletim Gaúcho conseguiu atingir o décimo número apesar das dificuldades. Ao seu lado surgiu NOTÍCIAS, pu

blicação regular que leva aos associados, informações tanto de interesse geral como comunica as atividades da diretoria. "Notícias" é veículo de maior contato entre diretores e associados.

Os sócios pagantes alcançam, hoje, a pouco mais de 200. Como se referiu anteriormente, o número dos que constam nos registros é bem maior, mas a diferença acha-se recolhida a um chamado arquivo morto. Lá, estão "sepultados" os não contribuintes há mais de 4 a nos.

A apreciação do primeiro decênio agebeano gaúcho, feita em rápidas e descoradas pinceladas, mostra um trabalho valioso e excepcional em prol da Geografia. Através dele observa-se a consolidação de uma entidade em terra onde é comum dizer-se ser raro o espírito associativo. A secção gaúcha não só tem cumprido, religiosamente as finalidades inerentes mas tem transcendido as suas funções. Tem servido como complementadora de outras instituições nos terrenos científico e educacional, trazendo novas contribuições, e no campo profissional, a ocupar o espaço deixado pela inexistência de sindicato de classe.